

Educação continuada

MAGNO DE AGUIAR MARANHÃO*

A vida real não se aprende na escola. Alguém discorda? Os estudantes são orientados a deixar seus problemas do lado de fora ao entrar em sala de aula. Ao saírem da fase escolar, descobrem-se no meio de uma guerra por trabalho (para a qual não foram preparados) e, pior, ao conseguirem um, constatam que o que estudaram já não basta para uma boa atuação.

Algo não funcionou como devia. Hoje, felizmente, cresce a consciência de que a escola tem, sim, como missão, ensinar a lidar com a realidade. Assuntos da comunidade devem ser discutidos em aula e transformações no mercado de trabalho devem ser acompanhadas enquanto os alunos se preparam para ele. Ao esforço dos docentes de apreender as mudanças do mundo lá fora e repassá-las aos alunos chama-se “educação continuada”.

A expressão não é nova, mas nota-se agora uma premência no que diz respeito à formação continuada dos que repassam o saber – os professores. A velocidade com que as informações navegam pelo planeta pede constante aprendizado, pois, em questão de minutos, o conhecimento se torna obsoleto. Além do mais, se é função da escola melhorar a sua comunidade, o aluno deve aprender ali a lidar com seus problemas. Os docentes não podem mais ser transmissores de conhecimentos estanques e devem também educar (que inclui ensinar, mas não só).

É fácil entender a educação continuada. Os médicos são bom exemplo. Nenhum deles sonharia em passar anos clinicando baseado apenas no que aprendeu na faculdade. Diariamente surgem novas doenças, remédios e tecnologias. Sem reciclagem, sequer curariam uma gripe. Também sabem que precisam estar cientes da realidade do paciente para fazerem um trabalho preventivo. Acesso rápido às informações e troca de experiência com colegas são fundamentais para eles. No caso dos professores, é preciso ainda formar esse hábito.

Tentativas têm sido feitas em modalidades como o ensino técnico profissionalizante – uma das áreas que preocupam o MEC, dado o avanço tecnológico a passos largos. Nos anos 80, a Secretaria de Ensino do Segundo Grau do MEC criou o Sistema de Disseminação de Informações Tecnológicas Emergentes (Sdite), interligando 40 instituições de ensino via computador. A meta era estimular trocas de experiências e difundir conhecimentos de ponta. Do Sdite surgiu a rede LET em 1991, que faz a interconexão com bancos de dados de outros países da América Latina. Nesse sistema, o usuário aprende pela livre descoberta, acessando dados que lhe convêm, sendo possível, assim, a formação continuada individualizada que responde adequadamente à sua necessidade.

Na modalidade “ensino superior”, chegou-se a uma proposta semelhante de formação continuada – por meio da hiperídia, que também possibilita ao usuário construir sua

própria seqüência no computador. O sistema tem pontos-âncora e por eles se conectam várias fontes de informação. O objetivo é incentivar o professor não só a atualizar conhecimentos específicos à formação profissional dos alunos, mas informá-lo sobre práticas pedagógicas – preocupação atual nas universidades. Várias delas vêm realizando pesquisas sobre educação continuada à distância.

E que dizer de sua urgência entre professores do ensino básico? Agora, a preocupação é capacitar professores leigos até 2001 e, em dez anos, conseguir que 820 mil conclua uma educação superior. Mas até professores formados chegam verdes às escolas e, ou aprendem com a experiência, ou desistem. Portanto, é preciso que os investimentos de governo e sociedade sejam condizentes com a nova valorização do magistério. Investimento nas instituições formadoras de professores, na informatização das escolas, no acesso à formação continuada e à distância, e investimento garantido aos docentes, sobrevivência digna e tempo para seu ofício. E, claro, que haja o reconhecimento, concreto (através de prêmios ou planos de carreira), do esforço de reciclagem que cada um fizer visando o bom desempenho de seu pequeno universo de alunos. A melhoria do ensino começa por aí.

*Reitor do Centro Universitário Augusto Mota (Rio), diretor geral da Associação de Ensino Superior do Rio de Janeiro (AFS).